

O fosso entre Brasília e a Constituinte

LEDA FLORA

A Assembléia Nacional Constituinte vem funcionando com seus múltiplos troços independente da vida de Brasília, cidade que a abriga. Se já existia um fosso entre os políticos e a capital da República, os trabalhos constituintes serviram para aprofundá-lo. Além disso, senadores e deputados federais, sempre na expectativa de conquista de novos mandatos, raramente buscam conhecer a cidade, o que é essencial para gostar ou não dela, e levam como troco uma espécie de falta de lópe com sua população, acostumada a assistir, desde 1960, a um permanente desfile de entra-e-sai de autoridades.

Com a Assembléia em ação, a cidade é a mesma, com uma favelização crescente, uma miséria quase palpável, muita violência urbana e uma participação política em ascensão. No seu lado cartão-postal, tudo também continua igual: os gramados andam impecáveis, os palácios limpos e as boas festas acontecendo regularmente. Os melhores restaurantes não ganharam novos concorrentes, não surgiu aquele bar que virou mania e o comércio não se expandiu.

A vida cultural da cidade, ignorada pelos constituintes, tem ritmo próprio e já entrou no circuito internacional dos grandes espetáculos, a exemplo das apresentações do Balé Bolshoi, Balé do Senegal, da Orquestra de Moscou, da Comédie Française. Ao contrário do que diz a fama, Brasília é pró-cinema, música, teatro, literatura, artes plásticas, pesquisa linguagens novas na dança, lota cineclubes e frequenta galerias.

Lazer dos Constituintes

Para os constituintes com cargos expressivos, as boas coisas que Brasília oferece estão fora de alcance pela falta de tempo. É o caso do presidente da Assembléia, da Câmara e do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, que até o ano passado gostava de frequentar restaurantes e, agora, prefere dormir quando acaba a última reunião política do dia.

O líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas, precisa andar regularmente por indicação médica. Mas vive, ultimamente, sentado, sempre às voltas com negociações. Ele confessa que seu lazer se restringe hoje a ver televisão no fim da noite, quando o nível de cansaço permite.

O líder do PMDB na Câmara, deputado Luiz Henrique, mal consegue

dormir e revela suas atividades esportivas e de lazer: "Nada, nada, nada". O líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso, desabafa: "Eu já não agüento mais. Acho isso uma coisa errada e não se pode viver dessa maneira". Prega a recuperação de hábitos saudáveis, como nadar e andar, revela que alterou, para pior, seu período de sono, e espera conseguir um espaço pessoal dentro do turbilhão constituinte.

O deputado Miro Teixeira (RJ), vice-líder do PMDB, confessa que seus filhos, Bruno e Thiago, estão com problemas em razão de sua ausência, pois moram no Rio. A vida familiar mudou e, atualmente, é a mulher, Leonora, quem vem passar alguns dias com ele em Brasília, fato de que não ocorreu em três mandatos anteriores: "Eu entro em restaurante, como e saio correndo, sempre com algum compromisso político. E meu único lazer agora é ler na madrugada", conta.

Sem as responsabilidades de governo, o PDS anda mais folgado. O líder na Câmara, deputado Amaral Neto, consegue tempo para caminhar, joga regularmente black jack com amigos e com dois constituintes — o senador Antônio Farias (PMDB-PE) e Délio Braz (PMDB-GO) — e se diverte com fitas de suspense, policiais, de terror, de banguê-banguê, além de políticas e jornalísticas. É Habitué de vídeo-clubes.

Alguns políticos frequentam o clube do Congresso aos sábados e domingos, que o senador Fábio Lucena (PMDB-AM) atrai pelo cheiro dos churrascos de peixes vindos do seu Estado.

Personalidades dentro da Constituinte, como o senador Afonso Arinos (PFL-RJ), preferem a calma. Ao lado da mulher, Ana, almoça e janta cedo, sem maiores envolvimento. O que não é o caso do neto de Tancredo Neves, o deputado Aécio Cunha Neves (PMDB-MG), jovem e solteiro, invejado por desfilhar com uma moça que é capaz de parar um restaurante de tão bonita que é.

Vida Cultural

Nilcéia Maria D'Orazio de Matos, assessora da Fundação Cultural do Distrito Federal, pode ajudar a todos que desejam conhecer o lado cultural de Brasília. Ela cita como exemplos o Teatro Nacional, cuja pauta está completa para o ano todo e onde os políticos pouco frequentam, bem como o Museu de Arte de Brasília,

com um excelente acervo de artistas plásticos nacionais, o Museu Histórico da Praça dos Três Poderes e o Museu do Índio.

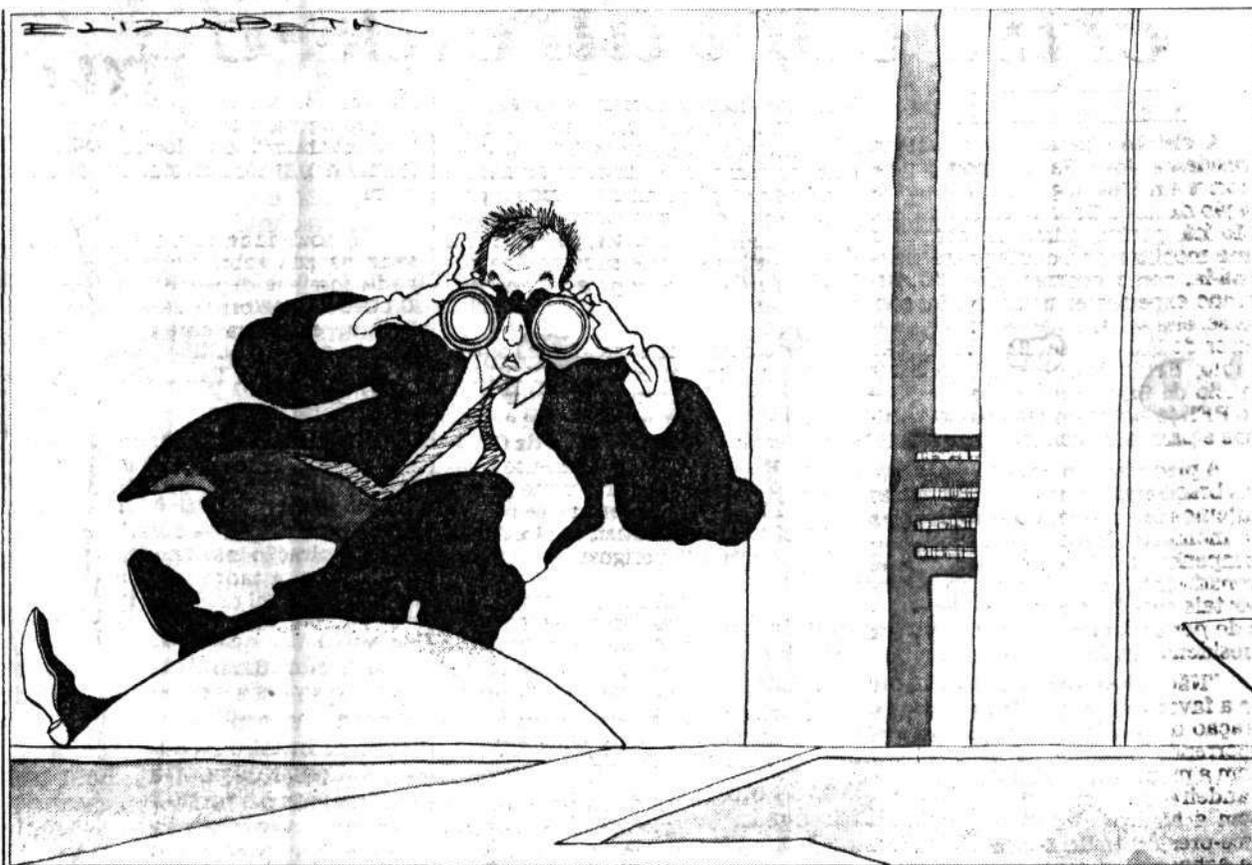
Em matéria de shows, Brasília é bem cotada e os melhores cantores, como Gal Costa, Milton Nascimento, Caetano Veloso, Elba Ramalho, Gilberto Gil, entre outros, se apresentam na cidade e a lotação dos espetáculos sempre se esgota com antecedência. A vanguarda tem acolhida excepcional, como Hermeto Paschoal, e os inovadores, como Egberto Gismonti, Arrigo Barnabé e Itamar Assunção, também.

Mas o forte de Brasília em matéria de música, segundo Nilcéia, é o rock. São quase 300 bandas que acabaram por conferir um atrativo a mais: a letra crítica, politizada. "Próximo ao poder, o jovem tem o que falar e não fica só no barulho", diz ela. Para Nilcéia, "aquí na cidade o rock é um movimento de resistência ao paletó e à rotina político-administrativa, que não perdoa a Velha e a Nova República com suas críticas".

Brasília sedia o Encontro Nacional de Escritores, o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, pesquisa novas linguagens de dança em três escolas, tem artistas plásticos como Ruben Valentim, Glênio Bianchetti, Athos Bulcão e Wagner Hermuche, um artesanato em Buriti e tapeçaria, que entram na pauta das exportações, além de música de câmara, corais, orquestra sinfônica e escola de música. Nilcéia lembra que Fagner, Osvaldo Montenegro, Jessé, Ney Matogrosso e Marliú Miranda começaram a carreira na capital.

A Associação Brasileira de Documentaristas tem 40 brasileiros e entre os cineastas da cidade estão Marcos Miranda, Wladimir de Carvalho, Sérgio Moriconi, Geraldo Moraes, Zuleika Porto, Sérgio Bazi, entre outros. Para completar, existem espaços alternativos, como alguns restaurantes onde se mistura música, poesia, debate político e lançamento de livros e jornais.

"Como colcha de retalhos, Brasília tem manifestação cultural de todo o País e não pode ter uma noção unilateral de cultura ou de vida cultural", observa Nilcéia. Esse aspecto de colcha de retalhos, aliás, é a grande característica de Brasília, uma cidade síntese do Brasil: uma pequena elite cercada de favelas por todos os lados e integrada por gente de todos os Estados. Uma mistura sem sotaque, sem jeito de ser, sem cozinha, sem moda ou sem gíria.



O outro lado da 'corte' é podre

Para quem vive fora, Brasília se resume em governo, poder, mordomias, festas espetaculares, palácios e glória. Nas colunas sociais ganhou o apelido de "corte". Entretanto, sua realidade social é outra, a ponto de colocá-lo, sem favor, na vanguarda da miséria, pois o índice de favelização proporcionalmente é o maior do País: de 1.700.000 habitantes, 700.000 são favelados.

Apenas no Plano Piloto e nos Lagos Norte e Sul foram cadastradas 44 favelas no último levantamento realizado pela UNB. Elas existem também nas cidades-satélites sob a forma de subfavelização: num lote, o proprietário constrói sua casa e utiliza o resto da terra para barracos. Em casos extremos, se amontoam até 20 famílias, com um banheiro comum.

O senador Pompeu de Souza (PMDB-DF), que acompanhou a construção de Brasília, aponta um fato singular: a favela começou antes da cidade, porque a primeira necessidade foi a importação de mão-de-

obra para a construção civil. Pompeu lembra que o primeiro acampamento, a Cidade Livre, nasceu para ser derrubado. Tudo em madeira, no melhor estilo farwest, tinha de tudo, inclusive um restaurante francês. Mas a Cidade Livre ganhou um tal adensamento social e demográfico, que se transformou em cidade-satélite, com o nome de Núcleo Bandeirante. E a partir daí foram surgindo novas satélites.

Para o governo do Distrito Federal, segundo Pompeu de Souza, o problema social é cáustico. Foi bolado um plano para contorná-lo, mediante o assentamento dos favelados e subfavelados nas áreas devolutas da Capital, mas há resistência porque o título da propriedade não entra na história e o governo garante apenas a posse, com direito aos herdeiros. Por outro lado, existe o temor de que a implementação do plano se transforme em novo pólo de atração de migrantes e, assim, fica tudo no val-não-val.

Os deputados e senadores, de um modo geral, desconhecem o caos brasiliense e circulam apenas nos cenários de concreto e vidro criados por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Brasília possui uma indústria incipiente, o comércio e o setor de serviços não constituem um mercado em ascensão, a construção civil anda muito parada e não é possível inchar o funcionalismo público. Assim, as mazelas da cidade grande se incorporam ao cotidiano brasiliense: assassinações, roubos, furtos, estupros, seqüestros, um déficit de 150 mil unidades habitacionais e insatisfação da população.

A promiscuidade é violenta e na maior favela da capital, a Vila do Paranoá, com 35 mil habitantes, a mortalidade infantil perdeu a originalidade. Afinal, no Paranoá o consumo diário de água por cidadão está bem aquém dos padrões exigidos pela Organização Mundial da Saúde. (Brasília/Agência Estado)